



“ENGOLE ESSE CHORO!”: O CHORAR NAS RELAÇÕES DE DIFERENTES ARRANJOS FAMILIARES NO EXTREMO OESTE CATARINENSE

Letícia Hélen Crivilatti Da Silva¹, Priscila Terezinha Dalla Costa², Angela Maria Bavaresco³

1. Discente do curso de graduação em Psicologia, Unoesc, São Miguel do Oeste, SC

2. Discente do curso de graduação em Psicologia, Unoesc, São Miguel do Oeste, SC

3. Docente no curso de graduação em Psicologia, Unoesc, São Miguel do Oeste, SC

Autor correspondente: Priscila Terezinha Dalla Costa, priscila.dc@outlook.com

Área: Ciências da Vida e Saúde

Introdução: O choro, por vezes, pode ser visto como demonstração de fraquezas e/ou vulnerabilidades, nesse contexto, alguns traços culturais regionais do extremo oeste catarinense evidenciam como o cuidado à saúde mental é negligenciado, uma vez que se perpetua no tradicionalismo conservador da região, a repressão em expressar as emoções e as vivências que afetam o pré-adolescente e também o adulto. **Objetivo:** Correlacionar o significado de chorar na perspectiva de pré-adolescentes e seus cuidadores com o espaço em que estão inseridos e as implicações em suas relações psicossociais; buscar entender como se dá o “chorar” e qual o seu impacto dentro do núcleo familiar de diferentes arranjos familiares do extremo oeste de Santa Catarina; Compreender como a permissibilidade ou a repressão do choro reflete na subjetividade dos pré-adolescentes e dos seus cuidadores, e relacionar a partir da Psicologia a expressão da subjetividade dos entrevistados com os traços culturais da região extremo oeste catarinense. **Método:** Foram realizadas quinze entrevistas com os cuidadores (nove pessoas) e os pré-adolescentes (seis pessoas), com cinco diferentes arranjos familiares compostos das seguintes formas: casal heterossexual com filhos adotivos; pai solo com filhos de diferentes faixas etárias, sendo um deles pré-adolescente; família com cuidadora idosa e pré-adolescente (cuidador na faixa-etária acima de 60 anos); família com cuidadora mais jovem e filho pré-adolescente (cuidador na faixa-etária de até 30 anos); casal heterossexual com filho pré-adolescente biológico. Apreciação das informações coletadas utilizando o método Análise de Conteúdo, de Lawrence Bardin (2011). Aprovado pelo CEP conforme parecer número 6.125.231. **Resultados:** A partir do contexto do extremo oeste catarinense nos deparamos com três possíveis eixos que se diferem entre si, mas se correlacionam e têm codependência quanto a sua manutenção em um recorte cultural da região: Campo e Cidade; Homem e Mulher; Famílias antigas e Famílias contemporâneas. Nessa linha, pautando as diferenças culturais e psicossociais, exprimimos com as entrevistas que a geração de pré-adolescentes tem mais facilidade em se colocar na posição de reconhecer o impacto, da maneira como foram criados e na formação de sua subjetividade. Contudo, essa geração enfrenta dificuldades ao se deparar com uma cultura pré-estabelecida. **Conclusão:** A nomeação do choro é algo bem particular e tem a ver com a construção e história, tem a ver com a forma com que essa subjetividade se forjou. Assim, a psicoterapia nos proporciona instrumentos que nos auxiliam a nos relacionar de maneira mais próxima com aquilo que somos e, também, com aquilo que expressamos.

Palavras-chave: Choro; Psicologia; Pré-adolescentes; Adultos.